



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research
Vol. 11, Issue, 12, pp. 52957-52962, December, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.23624.12.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

COMPORTAMENTO DE RISCO EM ACADÊMICOS DE MEDICINA EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PRIVADA

Thayná de Alencar Bernardo¹, Sofia dos Anjos Cruz², Waléria Dantas Pereira Gusmão*³, Isabele Rejane de Oliveira Maranhão Pureza⁴ and Gabriela Muniz de Albuquerque Melo⁵

¹Acadêmica de Medicina no Centro Universitário Cesmac, ²Acadêmica de Medicina no Centro Universitário Cesmac, ³Doutoranda do Programa de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Nutrição Humana pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Professora do curso de Medicina e Nutrição do Centro Universitário Cesmac. ⁴Doutoranda em Nutrição pela Universidade Federal de São Paulo (USP) e Mestre em nutrição humana pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). ⁵Doutora em ciência pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Professora do curso de Farmácia e Odontologia do Centro Universitário Cesmac.

ARTICLE INFO

Article History:

Received 20th September, 2021
Received in revised form
27th October, 2021
Accepted 09th November, 2021
Published online 30th December, 2021

Key Words:

Estudante. Comportamento de risco. Medicina.

*Corresponding author:

Waléria Dantas Pereira Gusmão

ABSTRACT

Comportamentos de riscos são ações prejudicam à saúde daqueles que as praticam, sendo os universitários um grupo de exposição. As ações de riscos são o uso de drogas e álcool, a alimentação, o exercício físico e a vida sexual. Por isso, a interpretação de comportamentos assumidos na graduação é determinante para intervenções preventivas. O estudo avaliou o comportamento de risco de graduandos em medicina de uma instituição de ensino do estado de Alagoas. Tratou-se de um estudo quantitativo, transversal e epidemiológico desenvolvido entre 2020-2021, com acadêmicos de Medicina. A amostra foi composta por 275 alunos e o instrumento de coleta foi um questionário traduzido e validado para uso em português, virtual, com 24 questões. Os dados foram tabulados no Excel e analisados no Bioestat® 5.3. A amostra final foi de 98 alunos do ciclo básico, 117 do ciclo clínico e 60 do internato. Relacionado ao consumo de álcool, 95 alunos ingeriram pelo menos um tipo de bebida. Sobre o comportamento sexual, 154 tiveram um parceiro no último ano, seguido de 77 com dois ou mais parceiros. Observou-se que o comportamento dos estudantes variou ao longo do curso da graduação, com o aparecimento de riscos comportamentais predominantemente no ciclo clínico.

Copyright © 2021, Thayná de Alencar Bernardo et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Bernardo, T. A.; Cruz, S. A.; Gusmão, W. D. P.; Pureza, I. R. O. M.; Melo, G. M. A. "Comportamento de risco em acadêmicos de medicina em uma instituição de ensino superior privada", *International Journal of Development Research*, 11, (12), 52957-52962.

INTRODUÇÃO

Comportamento de risco é entendido como ações que podem prejudicar à saúde daqueles que as praticam; e caracteriza-se pelo uso de substâncias lícitas e ilícitas, condutas gerais e sexuais imprudentes, comportamento homicida e suicida, inadequações alimentares e sedentarismo. Normalmente, quem assume estas posturas o fazem para sentir novas experiências, inserir-se em um grupo ou rebelar-se contra normas sociais; outras vezes, estabelecem estes comportamentos para enfrentar à ansiedade, às frustrações e às angústias do dia a dia¹. Em meados do século XX, o crescimento da circulação e do uso de substâncias psicoativas começou a ganhar destaque. Nesse contexto, pode-se dizer que o uso de drogas se firmou como um problema de saúde pública global em razão, principalmente, da dependência gerada, do poli uso, do uso crônico e da gravidade de suas consequências.

Concomitantemente, o ambiente universitário parece facilitar o acesso dos jovens às drogas, sendo possível destacar como maior prevalência o consumo de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários brasileiros². Nesse sentido, o ingresso ao ambiente universitário é um marco de grandes mudanças psicossociais e o início da vida profissional do indivíduo; no qual o acadêmico é capaz de consolidar hábitos e comportamentos autônômicos devido ao afastamento do seio familiar, proporcionando-o mais autonomia e responsabilidades. Dessa forma, tais fatores podem contribuir positiva ou negativamente no estilo de vida desse indivíduo, sendo as maiores modificações, nesta fase, voltadas ao aumento do consumo de drogas lícitas e ilícitas ou ao desenvolvimento de comportamentos de convívio social inadequado³.

Como a graduação em Medicina tem extensa carga horária e muitos compromissos curriculares e extracurriculares, deixando o graduando

muito asoberbado e com quase nenhum momento de lazer; pode-se inferir que o curso tem atuado como um fator de risco para que o estudante dê início e/ou continuidade ao uso de drogas ou desencadeiem outros comportamentos que colocam em risco à sua saúde. Os alunos, devido a elevada carga horária acadêmica e extensos conteúdos durante as aulas, acabam usufruindo de poucas horas livres para descanso e para o cuidado da própria saúde, o que pode funcionar como gatinho para o uso de substâncias psicoativas como provedoras do prazer e “válvulas de escape”, na maioria das vezes².

Paralelamente, é cabível elucidar que a transformação ambiental com a entrada no mundo universitário, acaba acarretando alta cobrança, responsabilidades e estresse diário, os quais são responsáveis pelo surgimento de problemas físicos e emocionais destes estudantes de modo cada vez mais frequente⁴. Além disso, a probabilidade que os comportamentos de riscos iniciados durante a faculdade continuem na vida adulta é grande. Nessa perspectiva, a tendência do universitário continuar fumando, ingerindo álcool e mantendo hábitos de vida arriscados é vista em mais da metade deles, apresentando uma intensificação das práticas com o passar do tempo⁵.

Sendo assim, a vida acadêmica é tida como um período marcado por mudanças comportamentais podendo interferir diretamente na qualidade de vida do universitário. Das inúmeras mudanças, as mais encontradas são as que se referem ao uso de drogas e tabaco, álcool, alimentação, exercício físico, vida sexual, fatores de risco correlacionados ao trânsito e uso de tranquilizantes ou barbitúricos. Por isso, diante de um grupo estudantil susceptível a inúmeros eventos estressores, a interpretação das escolhas feitas durante a formação é determinante para uma intervenção preventiva adequada.

No panorama atual, pela pandemia da Covid-19, marcado pelo isolamento e restrição social, ocorreram muitas mudanças no estilo de vida da população, inclusive dentre os acadêmicos de medicina. Dentre os aspectos mais afetados, encontra-se a prática de atividade física que apresentou redução em níveis significantes, aumentando o grau de sedentarismo. Além disso, tem sido relatado o aumento do consumo de alimentos processados e ultraprocessados, a maior ingestão de bebidas alcólicas e aumento do uso do tabaco durante esse período⁶.

Desse modo, torna-se necessário avaliar o comportamento de risco dos graduandos em medicina de uma instituição de ensino superior privada do estado de Alagoas, a fim de propor possíveis intervenções efetivas para melhorar os comportamentos e estilo de vida para minorar prejuízos à saúde.

METODOLOGIA

Tratou-se de um estudo quantitativo, de caráter censitário, descritivo e transversal, epidemiológico de base populacional, que foi desenvolvido entre os anos de 2020-2021. O projeto de pesquisa foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), sob CAAE 31451120.0.0000.0039, tendo em vista que respeita as normas de pesquisa com seres humanos de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde 466/2012.

A amostra foi, por conveniência, composta por acadêmicos, sem distinção de sexo e etnia, vinculados ao curso de Medicina de uma instituição privada de ensino superior que aceitaram responder, voluntariamente, ao questionário, sem que interfira em suas atividades diárias cotidianas e acadêmicas. A população total foi de 1034 acadêmicos de medicina matriculados no primeiro período do ano de 2020; sendo assim, tendo em vista obter poder estatístico para realizar a estatística analítica o cálculo amostral foi realizado no programa SOLVIS®, considerando a margem de erro de 5%, o intervalo de confiança de 95% e que se busca uma população homogênea; o valor resultou em 281 alunos a serem entrevistados. Foram convidados a participarem da pesquisa todos os estudantes de medicina matriculados na instituição de ensino, que estavam cursando

do primeiro ao sexto ano, independente de raça/cor ou sexo. Como critérios de não inclusão foram considerados: gestação e/ou em licença a maternidade, afastamento por internação hospitalar ou recusa em participar da pesquisa. Foi aplicado um questionário virtual, durante o período de outubro de 2020 a março de 2021, cujo link de acesso juntamente com um texto explicativo dos objetivos do estudo, foi enviado pelo sistema acadêmico da instituição de ensino, disparado diretamente pelo Setor de Tecnologia da Informação a pedido da Coordenação do Curso. Os discentes, que aceitaram participar, deviam acessar o link e eram direcionados a um questionário da plataforma de criação de formulários do *Google Forms* (link <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>).

Antes de iniciar a coleta de dados com o questionário virtual, foi inserido um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) virtual, composto por uma página de esclarecimento sobre a pesquisa, além da solicitação de autorização para o uso dos dados. Os estudantes foram informados sobre a garantia do caráter confidencial, voluntário e liberdade de escolha na participação e nas respostas e aquela que decidiu aderir a pesquisa encontrou um conjunto com 6 perguntas, de resposta obrigatória e de escolha múltipla, incluindo a opção prefiro não responder, sem a qual não prosseguiria no questionário. No final, bastava submeter o questionário para finalizar o processo.

O instrumento de coleta foi um questionário com 24 questões fechadas que exploram 6 categorias de comportamento e estilo de vida (1-uso de tabaco; 2-consumo de álcool e outras drogas; 3-comportamentos sexuais de risco; 4-hábitos alimentares; 5-inatividade física; e 6-direção perigosa), que se intitulava como: Questionário de Comportamentos de Risco em Estudantes Universitários (QCREU) que tem por base o *National College Health Risk Behavior Survey* desenvolvido em 1997 pelo *Centers for Disease Control and Prevention* (NCHRB/CDC, 1997). O QCREU foi traduzido e validado para o português e é autoaplicável¹. Os dados foram tabulados no Excel (Microsoft Office®) e as análises estatísticas foram realizadas no Bioestat® 5.3, com a realização de teste de associação. As variáveis quantitativas foram descritas na forma de tabelas de frequências absolutas e relativas. Os riscos de participação na pesquisa foram mínimos e incluíam apenas ocupação do tempo do participante, desgaste emocional e risco de influência na identidade do pesquisado e de constrangimento. Para minimizá-los se garantiu: não informar os dados pessoais e assegurar acesso apenas dos pesquisadores ao banco de dados da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dos 1034 alunos matriculados no curso de medicina, 672 (65%) eram do sexo feminino e 362 (35%) eram do sexo masculino. A idade dos alunos variou de 16 a 47 anos, apresentando moda de 23 anos, com 130 acadêmicos com essa idade; e a média etária dos participantes do estudo foi de 23,45 anos. Do total de acadêmicos matriculados, 275 universitários aceitaram participar do estudo com representantes de todos os ciclos da graduação. A amostra foi composta por 98 alunos (35,6%) do ciclo básico, 117 (42,5%) do ciclo clínico e 60 (21,8%) do internato. Dentre os comportamentos de risco abordados no instrumento de coleta, os relacionados ao consumo de bebidas alcólicas, uso de tabaco e outras drogas, práticas sexuais, hábitos de vida e atitudes no trânsito foram os que apresentaram maior relevância na análise dos dados. Dos 275 participantes da pesquisa, 261 (94,90%) não fumaram nos últimos 30 dias, enquanto apenas 6 (2,18%) fumaram de dois a três cigarros por semana. Não existiu diferença significativa entre os grupos, pois a maioria dos alunos de medicina não fuma, independente do período que cursam na faculdade.

No comportamento de risco relacionado ao consumo de bebidas alcólicas (Tabela 1), 95 (34,5%) alunos ingeriram pelo menos um tipo de bebida com álcool em dois a quatro dias nos últimos 30 dias. Destes, 35 (12,7%) alunos eram do ciclo básico, 43 (15,6%) estavam no ciclo clínico e 17 (6,2%) faziam parte do internato.

Tabela 1. Comportamento de risco: consumo de bebidas alcoólicas por acadêmicos de medicina do 1º ao 6º ano em eventos acadêmicos, no ano de 2020

COMPORTAMENTO DE RISCO ASSOCIADO AO CONSUMO DE ÁLCOOL		ANO EM CURSO			TOTAL	P VALOR
		1º e 2º ANO CICLO BÁSICO	3º e 4º ANO CICLO CLÍNICO	5º e 6º ANO INTERNATO		
Em quantos dias ingeriu pelo menos 1 tipo de bebida alcóolica nos últimos 30 dias	0 dias	35 (12,7%)	32 (11,6%)	30 (10,9%)	97 (35,3%)	0,025
	1 dia	8 (2,9%)	17 (6,2%)	1 (0,4%)	26 (9,5%)	
	2 a 4 dias	18 (6,5%)	24 (8,7%)	12 (4,4%)	54 (19,6%)	
	2 a 3 dias/sem.	35 (12,7%)	43 (15,6%)	17 (6,2%)	95 (34,5%)	
	4 ou mais dias/sem.	2 (0,7%)	0	0	2 (0,7%)	
	Prefiro não responder	0	1 (0,4%)	0	1 (0,4%)	
Quantidade de bebidas alcólicas ingeridas em festas acadêmicas	Não consumo	26 (9,6%)	29 (10,7%)	19 (7%)	74 (27,4%)	0,245
	1 a 2 copos	12 (4,4%)	6 (2,2%)	3 (1,1%)	21 (7,8%)	
	3 a 4 copos ou mais	60 (22,2%)	79 (29,3%)	36 (13,3%)	175 (64,8%)	
Tipo de bebidas alcólicas ingeridas em festas acadêmicas	Não vou a festa/não consumo	27 (9,8%)	29 (10,5%)	17 (6,2%)	73 (26,5%)	0,007
	Vinho	0	0	0	0	
	Cerveja	27 (9,8%)	59 (21,5%)	22 (8%)	108 (39,3%)	
	Vodka, Whisky e licores	34 (12,4%)	24 (8,7%)	20 (7,3%)	78 (28,4%)	
	Shots	10 (3,6%)	4 (1,5%)	1 (0,4%)	15 (5,5%)	
	Prefiro não responder	0	1 (0,4%)	0	1 (0,4%)	
TOTAL		98 (35,6%)	117 (42,5%)	60 (21,8%)	275 (100%)	

Tabela 2. Comportamento de risco: atividades sexuais de risco praticadas por acadêmicos de medicina do 1º ao 6º ano num período de 12 meses

COMPORTAMENTO DE RISCO ASSOCIADO A ATIVIDADES SEXUAIS		ANO EM CURSO			TOTAL	P VALOR
		1º e 2º ANO CICLO BÁSICO	3º e 4º ANO CICLO CLÍNICO	5º e 6º ANO INTERNATO		
Quantidade de parceiros sexuais em 12 meses	0 parceiros	21 (7,6%)	17 (6,2%)	6 (2,2%)	44 (16%)	0,041
	1 parceiro	53 (19,3%)	68 (24,7%)	33 (12%)	154 (56%)	
	2 ou mais parceiros	24 (8,7%)	32 (11,6%)	21 (7,6%)	77 (28%)	
Frequência do uso de preservativo (individual ou do parceiro) nas relações sexuais nos últimos 12 meses	Não tive parceiro sexual/Nunca	33 (12%)	37 (13,5%)	23 (8,4%)	93 (33,8%)	0,226
	Às vezes / Habitualmente	37 (13,5%)	52 (18,9%)	20 (7,3%)	109 (39,6%)	
	Sempre (100%)	25 (9,1%)	21 (7,6%)	17 (6,2%)	63 (22,9%)	
	Prefiro não responder	3 (1,1%)	7 (2,5%)	0	10 (3,6%)	
Teve relações sexuais, nos últimos 12 meses, após consumo de álcool que não ocorreriam caso não tivesse bebido	0 vezes	89 (32,4%)	102 (37,1%)	53 (19,3%)	244 (88,7%)	0,238
	1 vez	2 (0,7%)	7 (2,5%)	3 (1,1%)	12 (4,4%)	
	2 vezes	3 (1,1%)	4 (1,5%)	0	7 (2,5%)	
	3 vezes	0	0	0	0	
	Mais que 3 vezes	3 (1,1%)	0	2 (0,7%)	5 (1,8%)	
	Prefiro não responder	1 (0,4%)	4 (1,5%)	2 (0,7%)	7 (2,5%)	
TOTAL		98 (35,6%)	117 (42,5%)	60 (21,8%)	275 (100%)	

Em contrapartida, 97 (35,3%) alunos não consumiram bebidas no mesmo período. Esta variável apresentou significância entre os grupos com valor de $p = 0,025$. De acordo com o Ministério da Saúde⁷, 19% dos universitários no país já experimentaram algum tipo de bebida alcóolica, e desses 22% possuem uma maior chance para desenvolver dependência.

Faria e colaboradores⁸ relatam no seu estudo com 210 jovens universitários de uma rede privada no Distrito Federal predominantes da fase inicial do curso, que o consumo de álcool foi elevado com destaque entre os homens. Silva e colaboradores⁹ afirmaram que o uso do álcool cada vez mais crescente, pode levar a utilização associada de outros tipos de substâncias psicotrópicas, acidentes de trânsito e uso do tabaco.

Pode-se observar, por meio dos dados, que a quantidade de bebidas alcólicas ingeridas em festas acadêmicas (Tabela 1) para 64,8% dos acadêmicos (175) é em torno de 3 a 4 copos ou mais, sendo essa a escolha prevalente no ciclo básico, clínico e no internato. Ao passo que para 7,8% dos participantes (21) foi de 1 a 2 copos, o que representa apenas uma diferença numérica e não estatisticamente significativa. Quanto ao tipo de bebida ingerido nesses eventos, 108 (39,3%) alunos escolheram a cerveja, sendo essa a bebida mais ingerida. Dentre as bebidas consumidas com mais frequência e não relacionadas a eventos universitários em todos os três grupos de acadêmicos, referida por um total de 94 alunos (34,2%), a cerveja foi a mais prevalente, sendo a minoria de 0,7% (2) composta pelos shots.

Silveira e colaboradores¹⁰, relacionaram a associação dessa prevalência com a exposição contínua de propagandas de cerveja direcionadas ao público jovem, e somado a isso, Barros & Costa¹¹ afirmaram existir uma relação direta da renda do estudante com um maior acesso ao consumo de álcool e o tipo de bebida escolhida. Em relação a atitude no trânsito, 214 (77,81%) alunos afirmaram sempre utilizar o cinto de segurança, enquanto apenas cinco (1,81%) alegaram nunca o utilizar. Já no cenário de ser passageiro de um motorista alcoolizado, 229 (83,27%) estudantes asseguraram não terem essa prática nos últimos 30 dias. Por fim, sobre dirigir alcoolizado no mesmo período, 247 (89,81%) acadêmicos negaram tal hábito. Em estudo realizado por Duarte e Garcia¹², apontou-se que dentre os fatores associados ao binômio juventude e direção estavam o consumo de bebida alcóolica e a não adesão ao uso do cinto de segurança. Também, em estudo realizado com universitários em Campinas¹³, foi evidenciado que jovens sem antecedentes de acidentes de trânsito quantificaram alta prevalência de comportamentos inadequados como dirigir sob o efeito de álcool. Ambos os achados divergem no presente estudo.

Em relação ao uso de substâncias, foi possível avaliar que dos 275 alunos, 95,27% (262) afirmaram não fazer uso de maconha nos últimos 30 dias em relação ao dia em que responderam ao questionário. Praticamente o mesmo dado foi observado em relação a cocaína em suas variadas formas e às drogas sintéticas, 98,90% (272) dos participantes negaram o uso de tais substâncias. Em uma menor porcentagem, mas ainda significativo, 245 (89,09%) estudantes não

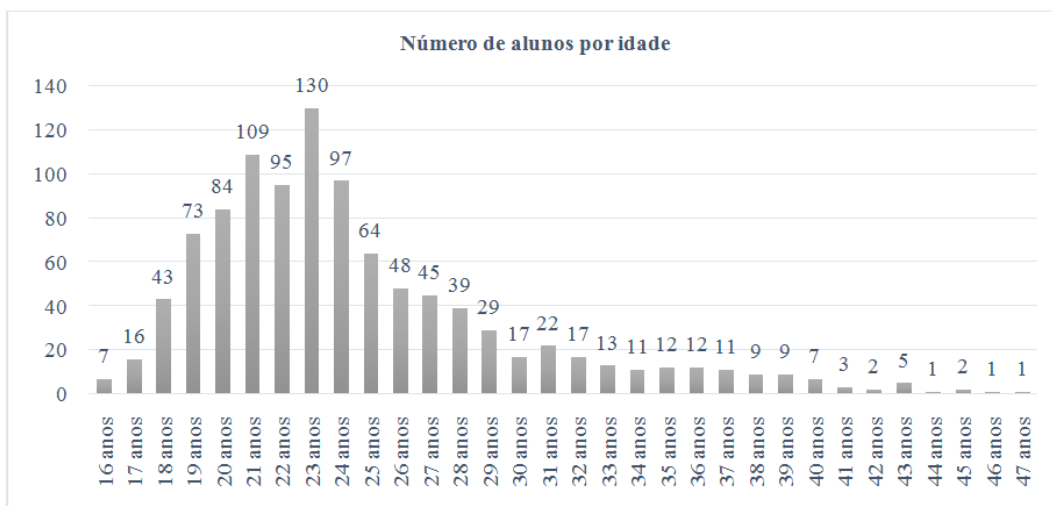


Gráfico 1. Número de alunos matriculados no curso de medicina, por faixa etária, primeiro semestre 2020

Tabela 3. Comportamento de risco: hábitos de vida dos acadêmicos de medicina do 1º ao 6º ano em um período de 30 dias

COMPORTAMENTO DE RISCO ASSOCIADO A ATIVIDADES SEXUAIS		ANO EM CURSO			TOTAL	P VALOR
		1º e 2º ANO CICLO BÁSICO	3º e 4º ANO CICLO CLÍNICO	5º e 6º ANO INTERNATO		
Durante os últimos 30 dias ingeriu bebidas ricas em cafeína (café, chá, coca-cola, redbull)	Nunca	16 (5,8%)	11 (4%)	6 (2,2%)	33 (12%)	0,044
	Menos de 1 dose/dia	29 (10,5%)	25 (9,1%)	18 (6,5%)	72 (26,2%)	
	Acima de 1 a 2 doses/dia	43 (15,6%)	52 (18,9%)	20 (7,3%)	115 (41,8%)	
	Acima de 3 doses/dia	10 (3,6%)	29 (10,5%)	16 (5,8%)	55 (20%)	
Durante os últimos 30 dias, ingeriu comidas rápidas (hambúrgueres, cachorro-quente, pizzas, etc.)	0 vezes	1 (0,4%)	4 (1,5%)	2 (0,7%)	7 (2,5%)	0,781
	1 a 2 vezes	23 (8,4%)	27 (9,8%)	17 (6,2%)	67 (24,4%)	
	3 a 5 vezes	30 (10,9%)	42 (15,3%)	19 (6,9%)	91 (33,1%)	
	6 ou mais vezes	44 (16%)	44 (16%)	22 (8%)	110 (40%)	
Durante os últimos 30 dias, praticou exercício físico ou atividade física	0 vezes	38 (13,8%)	32 (11,6%)	14 (5,1%)	84 (30,5%)	0,014
	1 vez/ na sem	13 (4,7%)	24 (8,7%)	4 (1,5%)	41 (14,9%)	
	2 a 3 vezes ou mais/sem	47 (17,1%)	60 (21,8%)	40 (14,5%)	147 (53,5%)	
	Prefiro não responder	0	1 (0,4%)	2 (0,7%)	3 (1,1%)	
TOTAL		98(35,6%)	117 (42,5%)	60 (21,8%)	275 (100%)	

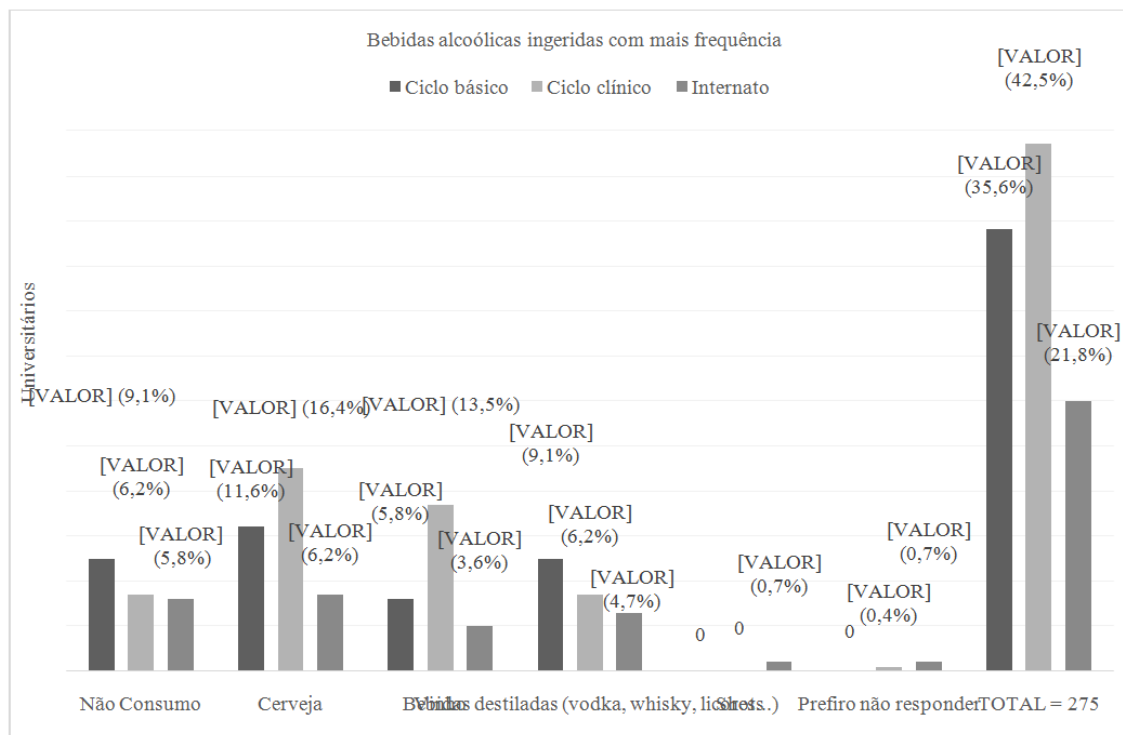


Gráfico 2. Tipos de bebidas alcoólicas ingeridas com mais frequência por acadêmicos de medicina do 1º ao 6º ano em eventos não relacionados a universidade

consumiram nenhuma vez barbitúricos ou tranquilizantes, sem consentimento médico, durante o período em questão. No que se refere ao tabaco, 261 (94,90%) alunos alegaram não terem essa prática no mês anterior, ao responderem ao questionário. Corroborando ao estudo realizado por Barros & Costa¹¹, com 124 acadêmicos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que afirmou que a maioria dos participantes eram não fumantes e não usavam drogas ilícitas.

Sobre o comportamento sexual do grupo estudado, 154 (56%) acadêmicos afirmaram possuírem apenas um parceiro nos últimos 12 meses, seguido de 77 (28%) com dois ou mais parceiros (Tabela 2). Tanto os alunos que afirmaram ter apenas um parceiro, quanto os que tiveram dois ou mais parceiros cursavam majoritariamente o ciclo clínico, com 68 (24,7%) e 32 (11,6%) acadêmicos, respectivamente. Em alguns estudos^{14,15} observa-se que quase todos os universitários tiveram experiências sexuais, sendo a maioria com uma única pessoa em um intervalo de 3 meses. Em relação à frequência do uso de preservativo no mesmo período, 109 (39,6%) entrevistados atestaram uso habitual do mesmo, enquanto apenas 63 (22,9%) responderam que sempre utilizam. Nessa mesma perspectiva, visto que o número de acadêmicos com apenas 1 parceiro teve uma maior prevalência, pode-se associar o uso não frequente do preservativo, apresentando um comportamento de risco a saúde com a exposição para infecções sexualmente transmissíveis¹⁵. Aragão e colaboradores¹⁶ constataram que os universitários de medicina que relataram ter parceiro fixo apresentavam prevalência quase duas vezes maior de uso inconsistente de preservativo, se comparados àqueles sem parceiro fixo. Paralelamente, 244 (88,7%) estudantes negaram relações sexuais, no último ano, após consumo de álcool - que não ocorreriam caso não estivessem alcoolizados -, ao tempo em que 5 (1,8%) alegaram a ocorrência de tal situação mais de três vezes no mesmo período.

Quanto a frequência da ingestão de bebidas ricas em cafeína nos últimos 30 dias (Tabela 3), 115 (41,8%) acadêmicos responderam ingerirem mais de uma a duas doses por dia, sendo a maioria, 52 (18,9%) alunos, do ciclo clínico. Essa variável apresentou um valor estatisticamente significativo ($p = 0,044$) em relação às outras frequências de consumo. Muitos estudantes veem a cafeína como uma forma de manter o ritmo e a rotina árdua de estudos, visto que a cafeína melhora o desempenho de atividades que demandam maior vigilância, além de gerar redução da fadiga e aumento da capacidade de alerta; o que os faz ingerir altas doses de bebidas como café, energéticos, refrigerantes a base de cola, entre outros¹⁷.

Quanto ao consumo de comidas rápidas (Tabela 3), 110 universitários (40%) relataram uma ingestão de 6 ou mais vezes, nos últimos 30 dias. Destes, 32% estavam no ciclo básico e clínico (88 alunos). A maioria dos estudantes ingere alimentos industrializados e ricos em açúcares numa frequência alta durante a semana. Ainda em relação a alimentação, a maioria dos participantes alegou ter ingerido alimentos com açúcar adicionado, como refrigerantes e doces, sendo majoritária a frequência de três a seis doses por semana, contemplada com 31,63% (87) dos estudantes. Tal hábito pode ser devido ao cotidiano universitário repleto de atividades complementares desenvolvidas em horários não tão convencionais, o que acaba desregulando a alimentação do acadêmico, levando ao consumo de comidas rápidas e inadequadas¹⁴. Aliado a isso, há o fato de os estudantes considerarem a comida uma forma de “válvula de escape” em casos de situações de estresse tanto físico quanto mental, fato que se ocorrer rotineiramente, e contribuir para o desenvolvimento dos maus hábitos alimentares¹⁸. Além disso, Malta e colaboradores⁶ em seu estudo com indivíduos com dezoito ou mais anos de idade, apresentou que durante o período de restrição social, conjuntura atual envolvendo a Covid-19, houve a diminuição da prática de atividade física e aumento da ingestão de alimentos ultraprocessados e de alta densidade energética. Ainda quanto aos hábitos de vida, foi observado a maior parte 147 alunos (53,5%) praticaram exercícios físico de 2 a 3 vezes na semana. O total de praticantes de atividade física foi dividido em 47 (17,1%) do ciclo básico, 60 (21,8%) do ciclo clínico e 40 (14,5%) do internato; tendo uma minoria, 14,9% de estudantes (41), relatado prática de apenas 1

vez na semana. Diferentemente do estudo de Faria¹⁸ no qual os acadêmicos participantes não praticavam atividade física de forma regular.

Portanto, os dados mostraram uma maior significância estatística de comportamentos de riscos adotado sem relação a ingestão de bebidas alcólicas, tipos de bebidas escolhidas em festas acadêmicas, a quantidade de parceiros sexuais, frequência no consumo de bebidas ricas em cafeína e a prática de exercícios físicos pelos acadêmicos. Nesse contexto, houve predomínio do comportamento de risco entre os acadêmicos do ciclo clínico em comparação com os demais, tanto no domínio do uso de substâncias psicoativas, quanto nas respostas referentes aos hábitos de vida em geral.

Convém destacar, que pelo estudo ter sido realizado no período da pandemia, os resultados podem ter sido amplamente influenciados pela imposição do distanciamento social, especialmente ao se considerar os hábitos de vida dos universitários. Sugere-se que estudos com maior número de acadêmicos, multicêntricos e prospectivos sejam realizados para que evidências mais robustas sejam obtidas e programas de prevenção de comportamentos de riscos sejam implementados nas instituições de ensino superior.

CONCLUSÃO

Nota-se que o comportamento dos estudantes de medicina varia ao longo do curso de sua graduação, com o aparecimento de riscos comportamentais predominantemente durante o ciclo clínico. Assim, sugere-se que outros estudos sejam realizados, além de organização de estratégias de educação em saúde voltadas para os acadêmicos de medicina, a fim de prevenir comportamentos que ponham em risco tanto o bem-estar físico como mental desta população.

REFERÊNCIAS

- Almeida JST. *Saúde mental global, a depressão, a ansiedade e os comportamentos de risco nos estudantes do ensino superior: estudo de prevalência e correlação* [tese]. Portugal: Universidade Nova de Lisboa; 2014.
- Aragão JCS, Lopes CS, Bastos FI. Comportamento Sexual de Estudantes de um Curso de Medicina do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Educação Médica* 2011; 35 (3): 334-340.
- Barros MSMR, Costa LS. Perfil do consumo de álcool entre estudantes universitários. *Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog* 2019 Jan-Mar.; v. 15(1): 4-13.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Álcool e redução de danos: uma abordagem inovadora para países em transição*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- Brito BJQ, Gordia AP, Quadros TMB. Revisão da literatura sobre o estilo de vida de estudantes universitários. *Revista Brasileira de Qualidade de Vida* 2014; 6(2):66-76.
- Duarte EC, Garcia LP. Motoristas adolescentes no Brasil: Prevalência e fatores associados estimados a partir da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). *Rev bras epidemiol* 17 (suppl 1) 2014.
- Faria DLS. *Estudo Comparativo dos Estilos de Vida dos Estudantes de Medicina da Universidade da Beira Interior no Início e no Final do Curso* [dissertação]. Portugal: Universidade da Beira Interior - Ciências da Saúde; 2012.
- Faria YO, Gandolfi L, Moura LB. Prevalência de comportamentos de risco em adulto-jovem e universitário. *Acta Paul Enferm. Brasília* – DF. 2014; 27(6): 591-5.
- Jao NC, Robinson LD, Kelly PJ, Ciecierski CC, Hitsman B. Unhealthy behavior clustering and mental health status in United States college students. *J Am Coll Health*. 2019 Nov-Dec;67(8):790-800.
- Machado, CS; Moura, TM; Almeida, RJ. Estudantes de Medicina e as Drogas: Evidências de um Grave Problema. *Rev. bras. educ. med* 2015; 39(1):159-167.

- Malta DC, Szwarcwald CL, Barros MB, Gomes CS, Machado ÍE, Souza Júnior PR, Romero DE, Lima MG, Damacena G, Pina MD, Freitas MI, Werneck AO, Silva DR, Azevedo LO, Gracie R. A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29.
- Panichi RMD, Wagner A. Comportamento de risco no trânsito: revisando a literatura sobre as variáveis preditoras da condução perigosa na população juvenil. *Interam. j. psychol.*, Porto Alegre. 2006 Ago; 40(2):159-166.
- Silva JN, Rodrigues MG, Jones KM, Finelli LAC, Soares WD. Consumo álcool entre universitários. *Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde*. 2015; 2(2):35-40.
- Silva LDC., Costa JCM, Nunes FDO, Azevedo PR. Comportamentos de risco a saúde em universitários de uma instituição pública. *Rev Fun Care Online*, Rio de Janeiro. 2020; 12:544-550.
- Silveira MS, Cruz JMO, Barreto I, Sarasqueta LMMN. O consumo de bebida alcoólica em estudantes universitários. *Research, Society and Development*. 2021; 10(1): e6410111250.
- Tassini CC, Val GR, Candido SS, Bachur CK. Avaliação do Estilo de Vida em Discentes Universitários da Área da Saúde através do Questionário Fantástico. *International Journal of Cardiovascular Sciences*. São Paulo. 2017 Mar; 2(30):117-122.
- Tavolacci MP, Delay J, Grigioni S, Déchelotte P, Ladner J. Changes and specificities in health behaviors among healthcare students over an 8-year period. *Journals PLoS ONE*. University of California San Diego School of Medicine, United States. 2018 Mar; 3(13): e0194188.
- Welter SQ. *Extração e quantificação de cafeína em energéticos através de cromatografia líquida de alta eficiência e espectrofotometria* [especialização]. Pato Branco (PA): Universidade Tecnológica Federal do Paraná Coordenação de Química Curso de Bacharelado em Química; 2011.
